

Tradições discursivas
faces e interfaces da historicidade
da língua e do texto



LaborHistórico

Volume 4 - Número 1 - jan./jun. 2018

Sumário

Apresentação	10
---------------------	----

Cleber Alves de Ataíde
Valéria Severina Gomes

Dossiê Temático

La relación entre tradiciones discursivas y la dinámica de variedades de lengua	13
--	----

Alfonso Gallegos Shibya

A adjetivação como marca de tradição discursiva do editorial de <i>O Mossoroense</i>	31
---	----

Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Tradições discursivas: conceitos e métodos para a análise diacrônica de gêneros	41
--	----

Jorge Luis Queiroz Carvalho
Aurea Zavam

Varição e Tradição: uma análise do <i>Tu</i> e <i>Você</i> na posição de sujeito em cartas de pernambucanos (1860-1989)	55
--	----

Elizabhatt Christina Cavalcante da Costa
Valéria Severina Gomes
Cláudia Roberta Tavares Silva

Por uma filologia do discurso: latinidade, ethos, tradições discursivas e um exercício analítico transdisciplinar	72
--	----

Lucineudo Machado Irineu

Polifonia e modalização na tradição discursiva “aviso de cobrança” nos jornais do século XIX	85
---	----

Roseane Batista Feitosa Nicolau

Varia

**A expressão da posse na terceira pessoa em cartas escritas por homens brasileiros:
uma análise diacrônica e histórica** 100

Elaine Alves Santos Melo

Janaína Pedreira Fernandes Sousa

Luan Alves Alonso Martins

As estruturas clivadas do galego 116

Xavier Frias Conde

Resenhas

**RACHI, S. *Por mãos alheias: usos da escrita na sociedade colonial.*
Belo Horizonte: Editora PUC MINAS, 2016. 399 p.** 126

Marcus Vinícius Pereira das Dores

Recebido em 11 de dezembro de 2017. | Aprovado em 05 de fevereiro de 2018.

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i1.23313>

Xavier Frías Conde¹

Resumo: Existe um tipo de orações que ainda não foram suficientemente estudadas pela Linguística Galega: as orações clivadas. Neste estudo ocupar-nos-emos com a sua classificação e análise desde a óptica da Gramática Funcional Categorial (GFC), partindo para isso de estudos prévios aplicados ao português. Quanto à sua estrutura, veremos como se constroem e em que se diferenciam doutros tipos de construções enfáticas, como as focalizadas, baseando-se a sua estrutura nas distintas colocações dos seus três elementos básicos: sujeito, cópula e atributo.

Palavras-chave: Clivagem; Construções clivadas; Gramática funcional; Foco; Tópico.

Abstract: There exists a certain kind of constructions that have not been properly studied still by the Galician Linguistics: the so-called cleft-sentences. In this paper we will go through their classification and analysis according to the theories of the Functional Categorial Grammar (FCG), taking the previous studies applied to Portuguese as a starting point. As for their structure, attention must be paid on how they are built up and in which way they differ from other sort of emphatic constructions, such as Focalisations, apart from the three likely colocations of its main functional elements: Subject, Predicate and Attribute.

Keywords: Cleft; Cleft-sentences; Functional grammar; Focus; Topic.

¹ Doutor em Filologia Românica pela Universidade Complutense de Madrid. Atualmente trabalha como professor da área de Filologia Galego-Portuguesa na Universidade Nacional a Distância (UNED), na Espanha. Faz parte do Círculo Linguístico de Praga desde 2005. xfrias@flog.uned.es.

Introdução

Na Linguística contemporânea galega² ficam ainda algumas lacunas por encher. Um deles é o relativo à *clivagem* ou *estruturas clivadas*. Para desenvolver o nosso estudo, faremos uma abordagem funcionalista e utilizaremos como quadro teórico a Gramática Funcional Categorial (GFC)³. A razão para escolhermos esta abordagem é que, à diferença de uma análise elaborada desde uma perspectiva gerativista, poderemos concentrar-nos nas funções, visto que nos interessa estudar que função é enfatizada e os meios utilizados para isso.

Por outro lado, os estudos mais importantes sobre esta questão foram aplicados ao inglês. As classificações feitas para esse idioma nem sempre correspondem à realidade doutras línguas, como as românicas. Assim, quando se fala em inglês das frases clivadas canônicas, encabeçadas por um *it* que vem sendo um expletivo, a solução românica é complexa, visto que na maioria dos romances não existem expletivos (fora do francês).

Como dizíamos no início, faltam estudos sobre esta questão em galego. São escassíssimas as referências ao tema, mal se encontram em Cidrás (2006, p. 170-171), mas no seu caso foi tangencialmente, ocupando-se com a preposição *a* com objeto direto. Já ele aqui faz referência a estas construções como *fendidas* ou *clivadas* (sic). Vamos dedicar, portanto, este estudo à descrição do fenómeno em galego, chegando a propor uma classificação deste tipo de orações.

1. O conceito de clivagem ou estrutura clivada

A clivagem é um procedimento para pôr em destaque uma função de uma frase simples através de um processo em que a frase se torna composta com a ajuda de uma estrutura de relativo e o verbo copulativo *ser*. É, portanto, um processo de enfatização –motivado por questões pragmáticas–, como também acontece com a topicalização, mas com diferenças fundamentais. Na secção 2 entraremos a tratar as diferenças entre topicalização e clivagem.

Desta maneira, uma frase simples como:

- (1) A Maruja comprou sardinhas no mercado

pode ser enfatizada graças à clivagem nos seus três elementos principais: o sujeito, o objeto e o adjunto (neste caso um locativo). Para isso, é preciso contar com dous elementos que tornam possível a dita clivagem: a cópula (COP) e o relator (REL). Porém, as diferentes possibilidades de colocação destes dois elementos são muito variadas e darão lugar aos tipos e subtipos de clivagem que existem nem só em galego, mas em todas as línguas românicas.

Deste jeito, poderíamos clivar o sujeito assim:

- (2) **Foi/é** a Maruja **que(m)** comprou sardinhas no mercado
 (3) A Maruja **é/foi que(m)** comprou sardinhas no mercado
 (4) **Quem** comprou sardinhas no mercado **foi/é** a Maruja

Por outro lado, se o que queremos é clivar o objeto:

- (5) **Fôrom/som/ foi/é** sardinhas **o que** a Maruja comprou no mercado
 (6) Sardinhas **som/fôrom/é/foi o que** a Maruja comprou no mercado

² Para a escrita do galego utilizaremos as normas da Associação Galega da Língua (AGAL), não as da Real Academia Galega (RAG), por considerarmos que o galego não é uma língua independente do português, visão, portanto diferente da oficial da Academia Galega.

³ Utilizaremos as seguintes etiquetas funcionais: SUBJ = sujeito; PRED = predicado (verbo lexical); OBJ = objeto; ADJ = adjunto; TOP = tópico; FOC = foco; COMP = complementador; REL = relator (=pronomes relativos); CLIT = clítico; ATT = atributo; CIRC = circunstancial; COP = cópula; [± conc] = concordância; [± ref] = referente. Quanto a *pro*, indica um operador omitido, mas recuperável.

- (7) **O que** a Maruja comprou no mercado **fôrom/som/ foi/é** sardinhas

Finalmente, a clivagem do adjunto seria:

- (8) **Foi/é** no mercado **que/onde** a Maruja comprou sardinhas.
 (9) No mercado **foi/é onde/que** a Maruja comprou sardinhas.
 (10) **Onde** a Maruja comprou sardinhas **é/foi** no mercado.

Contudo, como se observou anteriormente, existe mais de um modo de clivar orações, há vários modelos, que são os que tentaremos desenvolver aqui.

Se compararmos as construções clivadas do galego com as do português europeu, quando esse processo afeta ao objeto e ao adjunto (mas nunca ao sujeito), encontraríamos ainda duas hipóteses:

- (11) A Maruja comprou na feira **é** sardinhas. (refeita sobre 7)
 (12) A Maruja comprou o peixe **é** no mercado. (refeita sobre 10)

Nestes dois últimos exemplos, o que se fez foi omitir os relatores. Trata-se de construções comuns em português que não são próprias do galego. Contudo, também existem no espanhol de certas partes de América segundo Méndez (2009, *apud* GUITART 2013, p. 89-90).

Portanto, não todas as clivagens são iguais. Nos exemplos já vistos, aqueles que começam com os relatores (isto é: 4, 7 e 10) representam os tipos conhecidos como frases pseudo-clivadas⁴. Assim, uma primeira classificação dá-se entre clivadas próprias e pseudo-clivadas. As primeiras começam com a cópula (exemplos 2, 5 e 8 de cima), enquanto que as segundas começam com o relator. A elas cumpre adicionar as clivadas que não separam cópula e relator (isto é: 3, 6 e 9), de cuja classificação nos ocuparemos mais tarde.

Assim, para a sua classificação completa, a partir da clivagem de um exemplo concreto do objeto, seguiremos os critérios comuns em estudos sobre o tema em português (LOBO, 2006, p. 457). Partiremos do exemplo galego 1 sem o adjunto e clivando o objeto, ao qual aplicaremos as denominações comuns na literatura linguística portuguesa:

- (13) Foram sardinhas que a Maruja comprou > *clivada canónica*
 (14) Fôrom sardinhas o que a Maruja comprou > *clivada Q*
 (15) O que a Maruja comprou fôrom sardinhas > *pseudo-clivada básica*
 (16) Sardinhas foi o que a Maruja comprou > *pseudo-clivada invertida*
 (17) Sardinhas som o que a Maruja comprou > *pseudo-clivadas invertidas de "é que"*
 (18) Maruja comprou foram sardinhas > *semi-pseudo-clivadas básicas*

Nesta listagem há dois exemplos que não se encontram em galego: 13 e 18, por isso foram deixados em português.

Nos estudos sobre o tema aplicados ao espanhol, acostuma reduzir-se a três tipos: orações clivadas, orações pseudo-clivadas e orações pseudo-clivadas inversas (GUITART, 2013, p. 89). De facto, Os seis grupos anteriores não deixam de ser subdivisões. Poderíamos classificar e subclassificar as orações clivadas da seguinte maneira:

⁴ A definição em inglês deste conceito segundo o dicionário McMillan: A way of emphasizing part of a sentence by using a 'what' clause as its subject or complement, with a form of 'be' as the main verb. The sentences 'What we should do is l the truth', and 'A holiday in the mountains is what I really need' are pseudo-cleft sentences. The non-emphatic alternatives would be 'We should tell the truth' and 'I really need a holiday in the mountains. Disponível em <<http://www.macmilhandictionary.com/dictionary/british/pseudo-cleft-sentence>>. Consultado em out 2016.

O contraste com as clivadas (cleft-sentences) é explicado assim: A way of emphasizing a word or words by re-ordering the information in a sentence. A cleft sentence consists of impersonal 'it', the verb 'be', the important word or words, and a clause. For example the sentences 'It is the answers that matter' and 'It was the money he wanted' are cleft sentences. The non-emphatic alternatives would be 'The answers matter' and 'He wanted the money. Disponível em <<http://www.macmilhandictionary.com/dictionary/british/cleft-sentence>>. Consultado em out 2016.

A diferença entre ambas as definições jaz, portanto, na colocação dos elementos que permitem a clivagem, isto é, a cópula e o relator.

1. Orações clivadas
 - a) canónicas
 - b) com Q
2. Orações pseudo-clivadas
3. Orações pseudo-clivadas invertidas
 - a) canónicas
 - b) de “é que”
 - c) semi[-pseudo-clivadas invertidas]

Esta terminologia é complexa demais. Concordamos com Guitart (2013, p. 89) em que todas são clivadas, todas têm uma estrutura coincidente, com uma cópula *ser* e um relator (Q), com distintas colocações. Esta distinção procede da terminologia inglesa de *cleft* e *pseudo-cleft* que foi tomada diretamente em espanhol e português na maioria dos casos, questão de que já tratámos anteriormente. Acharmos, portanto, que a denominação de “pseudo” não se ajusta à realidade, pois tais “pseudo” são verdadeiramente clivadas, daí que a seguir utilizaremos para os três tipos de clivadas principais as seguintes denominações principais:

1. Orações clivadas tipo I
2. Orações clivadas tipo II
3. Orações clivadas tipo III

Sobre estes três tipos, junto com os seus três subtipos, faremos a análise posterior, tal como já ficou dito. Mas para começarmos, convém comparar as orações clivadas como método de ênfase com a topicalização propriamente dita.

2. Topicalização e clivagem

O galego utiliza principalmente a topicalização com movimento do elemento posto em destaque para a esquerda (desde que não seja o sujeito). Assim, se tomarmos o seguinte exemplo:

(19) A Maria viu [_{OD} **os nenos**].

podemos enfatizá-lo movendo o OD (marcado em cima em negro):

(20) **Os nenos** a Maria viu-**nos** ontem.

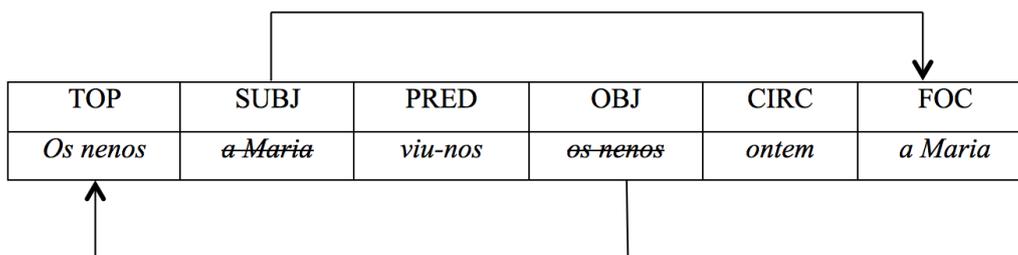
TOP	SUBJ	PRED	OBJ	CIRC
<i>Os nenos</i>	<i>a Maria</i>	<i>viu-nos</i> ⁵	<i>os-nenos</i>	<i>ontem</i>

Em galego, como na grande maioria de línguas românicas meridionais, a topicalização do objeto envolve a presença do clítico, tal como se aprecia no exemplo anterior. Porém, pode acontecer que haja combinação de topicalização e focalização, onde o elemento focalizado seja colocado à direita. Trata-se, principalmente, da ênfase do sujeito:

(21) Os nenos viu-nos ontem **a Maria**.⁶

⁵ Na GFC o clítico tem um tratamento diferenciado, mas aqui não vamos separá-lo do PRED, considerando-o um simples morfema.

⁶ A frase base neste caso é: *A Maria viu os nenos*.



São estruturas onde se combina a mera ênfase do tópicos com o contraste do sujeito, pois neste exemplo bem se poderia esperar:

(22) Os nenos viu-nos a Maria, nom a Susana.

No entanto, o exemplo (21) pode não ter um foco e a presença do sujeito depois do predicado é explicável por um duplo movimento, isto é, não só o OD ascende para TOP, mas também o PRED ascende para COMP (entendido como uma macro-categoria que recolhe no seu interior categorias mais concretas, que agora não interessa especificar aqui). Assim, o exemplo 21, sem foco, resulta:

(23) Os nenos viu-nos a Maria viu ~~os nenos~~ ontem.

TOP	COMP	SUBJ	PRED	OBJ	CIRC
<i>Os nenos</i>	<i>viu-nos</i>	<i>a Maria</i>	<i>viu</i>	<i>os nenos</i>	<i>ontem</i>

A diferença entre o sujeito focalizado e não focalizado nota-se na entoação, como não poderia ser doutro jeito. Porém, a estrutura do exemplo (23) é mais frequente do que a do (20). A razão disto é que o tópicos tende a atrair o verbo para o seu lado, dessa maneira, o sujeito fica na sua posição inicial.

Por outro lado, quando se trata de comparar a topicalização (à esquerda) com as construções clivadas, observamos –como já foi mencionado– que as segundas têm uma estrutura sintática muito mais complexa, de modo que aparece uma oração de relativo que acolhe a oração simples inicial, como já ficou exposto anteriormente.

Vexamos como se analisaria uma frase clivada de sujeito do tipo I:

(24) É os nenos (a) quem a Maria viu ~~os nenos~~ ontem.

COP	ATT	SUBJ				
		REL	SUBJ	PRED	OBJ	CIRC
<i>É</i>	<i>os nenos</i>	<i>(a) quem</i>	<i>a Maria</i>	<i>viu</i>	<i>os nenos</i>	<i>ontem</i>

Salta à vista que ambas as estruturas são distintas. A clivagem, à diferença da topicalização, não provoca qualquer movimento do verbo lexical, de tal modo que não se torna visível o clítico; pelo seu lado, a cópula (COP) não tem concordância com o atributo, mas com o sujeito, que resulta uma oração relativa.

A oração anterior pode aparecer também como:

(25) É os nenos a quem a Maria viu.

Porém, para além do já exposto sobre a estrutura desta oração, não seria estranho que o sujeito venha depois do predicado na oração dependente:

(26) É os nenos a quem viu a Maria.

Neste caso voltamos a encontrar um PRED que ascende e deixa o SUBJ na sua posição originária.

3. Focalização e clivagem

A relação entre focalização e clivagem poderia ser muito mais estreita do que parece em princípio. Se bem é certo que o foco envolve uma entoação peculiar, a sua estrutura não deixa de recordar a da clivagem.

É sabido que a focalização se consegue pelo menos de três modos, a saber, por um deslocamento para a esquerda ou para direita (cfr. acima (21)), por um destaque prosódico e com a ajuda de determinados advérbios (*também, mesmo, inclusive, etc.*), a primeira hipótese é que apresenta paralelismos com a clivagem, porque se poderia interpretar o foco como uma estrutura clivada com elementos implícitos. Assim, tomemos uma frase como:

(27) Nom conheço o Afonso.

Resultaria uma oração clivada:

(28) É o Afonso que nom conheço.

Tópica:

(29) O Afonso nom o conheço.

Ou focal:

(30) Afonso, nom conheço.

Como se pode apreciar, o pleonasma do clítico é só obrigatório na estrutura topicalizada, enquanto não o é nem na clivada nem na focalizada. Todas três frases são marcadas, com movimento do objeto para o início da frase. Poderia ser inclusive que a clivagem seja um desenvolvimento de uma estrutura focalizada, com a introdução da cópula e do relator Q.

FOC	SUBJ	NEG	PRED	OBJ
<i>O Afonso,</i>	<i>pro</i>	<i>nom</i>	<i>conheço</i>	<i>o Afonso</i>

COP	ATT	SUBJ				
		REL	SUBJ	NEG	PRED	OBJ
<i>É</i>	<i>o Afonso</i>	<i>que</i>	<i>pro</i>	<i>nom</i>	<i>conheço</i>	<i>o Afonso</i>

Ou mais especificamente:

$$F_{\text{FOC}} > \text{COP} + F + \text{REL}$$

onde *F* representa qualquer função sintática.

4. Orações clivadas de tipo I

Como já sinalamos no início, estas orações são introduzidas por um expletivo em inglês, do qual carece o galego (bem como todas as restantes línguas românicas, salvo o francês). Em inglês, a estrutura da transformação responde ao seguinte esquema:

(31) It is the children that Mary saw ~~the children~~ yesterday.

EXP	COP	ATT	SUBJ				
			REL	SUBJ	PRED	OBJ	CIRC
<i>It</i>	<i>is</i>	<i>the children</i>	<i>that</i>	<i>Mary</i>	<i>saw</i>	<i>the children</i>	<i>yesterday</i>

Este exemplo é o equivalente inglês do (24) galego, com clivagem do objeto (ascendido para o oco do sujeito da oração principal). No exemplo inglês vê-se um expletivo, um elemento inexistente em galego. O verbo concorda em número com o dito expletivo, enquanto que em galego a concordância, como é natural, dá-se com o sujeito (carece de um elemento equivalente ao expletivo). De resto, a estrutura tanto em inglês como em galego (e por extensão em românico) é a mesma. Contudo, poderíamos falar de uma estrutura semelhante à do inglês também em galego? Observe-se o seguinte exemplo:

(32) É os nenos (a) quem a Maria viu ontem.⁷

Neste caso, não há concordância aparente. Porém, a concordância é imposta pelo relator. O relator é que marca a concordância do sujeito e a impõe à cópula a partir da função referenciada, que no exemplo de cima é o OD:

COP	ATT	SUBJ				
		REL	SUBJ	PRED	OBJ	ADJ
<i>É</i>	<i>os nenos</i>	<i>(a) quem</i>	<i>a Maria</i>	<i>viu</i>	<i>os nenos</i>	<i>ontem</i>

A estrutura resultante em galego é: COP + ATT + SUBJ. Por outra parte, é assim como sujeito clivado impõe a concordância através do relator:

(33) Som / *é os nenos (os) que ~~os nenos~~ compram doces.

Mas, insistimos, se se tratar do objeto, ambas as formas, com concordância e sem concordância (aparente) são possíveis:

(34) Som/é os nenos (a) quem fomos visitar ~~os nenos~~.⁸

Quando o elemento clivado é o sujeito, muda simplesmente o facto que é este que passa a ocupar a posição de sujeito da estrutura clivada:

(35) É a Maria quem viu os nenos ontem.

COP	ATT	SUBJ					
		REL	CIRC	COMP	SUBJ	PRED	OBJ
<i>É</i>	<i>a Maria</i>	<i>quem</i>	<i>ontem</i>	<i>viu</i>	<i>a Maria</i>	<i>viu</i>	<i>os nenos</i>

⁷ Consideramos que *É os nenos aos que a Maria viu*, ainda que seja o mais normal na língua falada, é uma estrutura calcada do espanhol. É assim que preferimos a frase sem preposição nem artigo.

⁸ A preposição seria mais própria da língua falada.

Como mencionávamos anteriormente, o relator é que impõe a concordância. Visto que *quem* pode ter valor de singular ou plural, a cópula pode oscilar:

- (36) É / som os nenos (a) quem ontem viu a Maria.

COP	ATT	SUBJ					
		REL	MOD	COMP	SUBJ	PRED	OBJ
<i>É</i> <i>Som</i>	<i>os nenos</i>	<i>(a) quem</i>	<i>ontem</i>	<i>viu</i>	<i>a Maria</i>	<i>viu</i>	<i>os nenos</i>

Com um relator inequivocamente plural, a cópula virá em plural:

- (37) As guerras acabam com todas as esperanças → Som/*é as guerras (as) que acabam com todas as esperanças; ou bem: É as guerras o que acaba com todas as esperanças (porém, não seria incorreto: Som as guerras o que..., porque neste caso a concordância seria com o atributo [cfr. supra exemplos 16 e 17]).

5. Orações clivadas de tipo II

As chamadas pseudo-clivadas não deixam de ser uma polarização das do tipo 1, onde o relator inicia o período colocando-se no início. A sua estrutura dos componentes é SUBJ + COP + ATT.

Vamos ver, portanto, como se dá esta transformação a partir de alguns dos exemplos já oferecidos anteriormente:

- (38) É os nenos (a) quem a Maria viu ontem > Quem a Maria viu ontem é os nenos.
 (39) É os nenos (a) quem fomos visitar ontem > Quem fomos visitar ontem é os nenos.
 (40) Som as guerras as que acabam com toda a esperança > As que acabam com todas as esperanças som as guerras.

Se analisarmos qualquer destes períodos, veremos que se dá apenas uma mudança de ordem dos seus componentes. Analisamos aqui a transformação da frase (33):

SUBJ						COP	ATT
REL	CIRC	COMP	SUBJ	PRED	OBJ		
<i>Quem</i>	<i>ontem</i>	<i>viu</i>	<i>a Maria</i>	<i>viu</i>	<i>os nenos</i>	<i>foi</i>	<i>a Maria</i>

Sinalemos apenas que a estrutura subjacente ao exemplo (18) português (que não galego) envolve que o relator tem como operador *pro*, o qual pode ser recuperado:

SUBJ				COP	ATT
REL	SUBJ	PRED	OBJ		
<i>pro</i> <i>O que</i>	<i>A Maria</i>	<i>comprou</i>	<i>sardinhas</i>	<i>é</i> <i>som</i>	<i>sardinhas</i>

6. Orações clivadas tipo III

Este terceiro tipo de clivagem impõe uma ordem ATT + COP + SUBJ. Para isso, basta refazer o exemplo anterior adaptando-o a esta estrutura:

(41) A Maria é quem ontem viu os nenos.

ATT	COP	SUBJ					
		REL	CIRC	COMP	SUBJ	PRED	OBJ
<i>A Maria</i>	<i>é</i>	<i>quem</i>	<i>ontem</i>	<i>viu</i>	<i>a Maria</i>	<i>viu</i>	<i>os nenos</i>

Todas as restantes subclasses não são senão variações destas três principais, pelo qual achamos que não vale a pena um desenvolvimento posterior.

Conclusões

A classificação das orações clivadas que propomos responde às distintas colocações dos seus três elementos principais, isto é: SUBJ, PRED e ATT. Serve para salientar um elemento de uma frase simples (SUBJ, OBJ ou ADJ), sem recorrer à topicalização ou à focalização, daí que o período resultante esteja constituído por duas orações, sendo a principal uma copulativa que introduz a oração dependente com um relator, que será o que imponha a concordância à cópula.

Portanto, a nossa classificação de três tipos permite identificar a posição dos elementos clivadores:

1. Orações clivadas tipo I, com a COP inicial: *É ao México onde fum*
2. Orações clivadas tipo II, com REL inicial: *Onde fum é ao México*
3. Orações clivadas tipo III com REL e a COP depois do elemento enfatizado: *Ao México é onde fum*

A nossa proposta de denominação permite eliminar a denominação de “pseudo” aplicada às cláusulas do tipo II. Contudo, este estudo não faz mais do que estabelecer as bases para estudos posteriores.

Referencias bibliográficas

- CIDRÁS ESCÁNEO, F. A. Sobre o uso da preposición 'a' con OD en galego. *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, 33, Santiago de Compostela: USC, 2005, p. 147-174
- COSTA, J.; DUARTE, I. Minimizando a Estrutura: uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português, *Atas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL/Colibri, 2001, p. 627-638.
- GUITART, J. Del uso de las oraciones hendidas en el español actual, *Revista Internacional d'Humanitats* 27, 2013, p. 89-104. <<http://hottopos.com/rih27/89-104guitart.pdf>>. Consultado em jan 2016.
- FRIAS CONDE, Xavier. *An Introduction to Functional Categorical Grammar*. Palma de Mallorca: Bubok, 2009.
- _____. *Compendio de gramática galega básica*. Madrid: UNED, 2014.
- _____. *O verbo galego. Anexo RLLCGVXX*. Madrid: UNED, 2015.
- GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, S. *Temas, remas, focos, tópicos y comentarios*. Madrid: Arco/Libros, S.L., 1997.
- LOBO, M. Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. geração na base. *Atas do XXI Encontro da Sociedade Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2005, p. 457-473.
- MCMILLAN DICTIONARY (S.D.): *Pseudo-Cleft Sentences*. <<http://www.macmilhandictionary.com/dictionary/british/pseudo-cleft-sentence>>. Consultado em out 2016.
- MCMILLAN DICTIONARY (S.D.): *Cleft Sentences*. <<http://www.macmilhandictionary.com/dictionary/british/cleft-sentence>>. Consultado em out 2016.
- MÉNDEZ VALLEJO, D. C. *Focalizing ser ('to be') in Colombian Spanish*. Tese doutoramento inédita da Universidade de Indiana, 2009.
- PEREIRA BARBOSA, M. P. As construções pseudoclivadas: perguntas e respostas. *Atas do XXVIII Encontro da Sociedade Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2013, p. 131-148.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española. Sintaxis II*. Madrid: Espasa Calpe, 2009.
- ROSENBAUM, P. S. *The Grammar of English Predicate Constructions*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1967.

- SEDANO, M. *Hendidas y otras construcciones con 'ser' em el habla de Caracas*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1990.
- _____. Seudohendidas y oraciones con verbo *ser* focalizador en dos corpus del español hablado de Caracas. *Thesaurus*, 49, 1994, p, 491-518.